

UM CUIDADO ABANDONADO

Guilherme Castelo Branco

Professor Titular de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Pós-Doutorado na University of Florida e no INCT/PPED. Doutorado em Comunicação e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Resumo : O artigo versa sobre o surgimento da biopolítica e das mudanças que ocorreram no processo de gestão da vida na era da governamentalidade. No intervalo de dois séculos o cuidado com a vida, que animou parcela significativa da população, migrou do Estado para as empresas privadas, o que resultou no crescente abandono do cuidado com o bem-estar da população. No tempo atual, de pandemia, a desigualdade social e a falta de cuidado com a vida dos mais vulneráveis ficam cada vez mais evidentes.

Palavra- chave: biopolítica; vida; morte.

Abstract : This article deals with the emergence of biopolitics and the changes that occurred in the process of life management in the age of governmentality. In the span of two centuries, life care, which encouraged a significant portion of the population, migrated from the State to private companies, which resulted in the growing abandonment of care for the well-being of the population. In the current time of pandemic, social inequality and the lack of care for the lives of the most vulnerable become increasingly evident.

Keywords: biopolitics; life; death.

Em Portugal, o nome é mais apropriado que no Brasil. A instituição pública que cuida da saúde, da aposentadoria e dos cuidados médicos (de inumeráveis naturezas) dos trabalhadores e da população é a Segurança Social. No Brasil, o nome é outro: Previdência Social.¹ Quando passou a existir, ao longo do século XIX e XX, o lugar da

¹ Por este motivo, quando um brasileiro escuta o termo 'segurança', pensa em termos de polícia, de proteção ao patrimônio e à integridade física pessoal e coletiva. Esquece-se do aspecto serenizador da proteção de suas condições sanitárias e do conforto material ao longo da vida.

segurança e da seguridade social exigiram a transformação do Estado, que passou a desenvolver uma tecnologia de governo centrada cada vez mais na vida e na população.

Há dois séculos, o Estado passa a ter preocupações que inexistiam em tempos anteriores, como taxas de natalidade, estudos sobre longevidade, morbidade, higiene, saúde pública, entre outros. A estatística torna-se saber essencial para tomadas de decisão para medidas com alcance social e política, a vida passa a ser um dos objetos mais importantes da Economia Política, e a população converte-se em alvo central das intervenções do Estado. Surge a Biopolítica, cuja racionalidade imprime seu poder e alcance na determinação das formas de vida, na produção econômica, e especialmente na condução da conduta das pessoas.

Num primeiro momento, vale a pena lembrar, a implementação de uma proto-biopolítica decorreu das pressões dos movimentos operários que passaram a exigir cuidados de saúde e habitação condigna no decorrer do século XIX. O controle da vida, portanto, não pode ser entendido como uma via de mão única. Estado e população acabaram por realizar um estranho pacto. De um lado, a população recebeu, sob o argumento de direito de cidadania, acesso à saúde, educação, moradia, entre outros, ao custo de seguir uma série de recomendações moralizantes sobre sua vida íntima e cotidiana, através da disseminação de valores burgueses sob uma roupagem científica. O Estado, por sua vez, recebeu um aporte financeiro gigantesco, verdadeiramente colossal, vindo das contribuições da população para a seguridade, para o financiamento de casas e manutenção do sistema escolar, que gerou aumento de impostos e ampliação de seu poder de intervenção. Somente a partir deste momento surgem extraordinários montantes de valores que geraram o capital financeiro propriamente dito.

Os diversos sistemas de seguridade sociais implementados nos mais diversos países, malgrado suas especificidades, possibilitaram que fossem estabelecidos padrões de confiabilidade e de garantia de cobertura social a um número significativo de pessoas. Claro que a estrutura de classes leva a diferentes graus de usufruto dos benefícios, sobretudo a partir do momento em que empresas e grupos financeiros entraram, não sem voracidade, no jogo nem sempre honrado e confiável de cuidar do bem-estar das pessoas. Valores de diferenciação social passam a pesar crescentemente na seguridade social, seja no âmbito privado como no âmbito público.

Quando, nos últimos decênios do século XX, acentuam-se os ideais do neo-liberalismo, que cuidam sobretudo de valorizar projetos econômicos tão somente individuais, uma ruptura se dá: o estranho e dissimétrico pacto entre Estado e população

vai sendo crescentemente negligenciado. A distância entre as elites e a população cresce sem parar, o que tem gerado, em toda parte, protestos e manifestações massivas, sem nenhum resultado efetivo. O cuidado inicial com a defesa da sociedade não tem mais valor, e está em vias de desaparecer. As elites econômicas, os que possuem 1% do capital ou do dinheiro, descolaram do Estado e do povo. A burguesia não mais participa dos governos e não se sente implicada nos problemas políticos e econômicos e, além do mais, tem a proteção dos Estados. A cumplicidade dos Estados, por outro lado, retirou direitos da população, passou grande parte de sua tarefa para as empresas e permitiu a concentração de renda das elites através do esvaziamento das indústrias nacionais (diminuindo os conflitos de classe e as lutas por direitos sociais), criando uma globalização que tem lugar certo. Todos sabem onde fica a sede da globalização e da produção global, e, ainda que em outro local, onde está a sede da especulação financeira (e onde estão algumas de suas sucursais). A globalização e as finanças têm territórios fixos e endereços certos. O mercado, por sua vez, ao contrário do que alguns dizem, não tem mão invisível, pois na verdade é de tão poucos que é quase impossível enxergá-los².

Inesperadamente, surge uma pandemia, no ano de 2020. Sua ocorrência espanta muitas pessoas, porque ainda não está sob controle, e o vírus que se espalha leva milhões de pessoas a adoecerem e centenas de milhares de seres humanos mais vulneráveis morrem em poucos meses. Num primeiro momento, o vírus não distingue classes sociais. Mas as desigualdades econômicas, os sistemas de saúde privados e as políticas públicas de saúde se encarregam de fazer a distinção. Escolhas são feitas entre os doentes, levando em conta suas origens, seus ‘desposuimentos’ e seus privilégios. Serão avaliados seus lugares de residência, seus estoques de comida e bebida, seus organismos mais ou menos bem cuidados. Daí também decorrerão os tratamentos médicos, os locais onde os atingidos pela doença serão recebidos e em quais condições, se terão equipamentos apropriados e remédios em quantidade e qualidade necessários.

No momento inicial da pandemia, a preocupação maior dos governos e dos organismos de saúde é a o da gestão da quantidade de doentes. O problema é de gestão dos sistemas de saúde, que não podem ser sobrecarregados. Os doentes são coadjuvantes na ordem das inquietações. Depois disso, parecerá natural que as pessoas continuaram a adoecer, num ritmo controlado e doravante silencioso. Em fins de 2020, as pessoas terão

² O que vemos são empregados de financeiras e empresas de valores, buscando seu quinhão, nas imagens das bolsas de valores.

assimilado o impacto inicial e não darão mais importância, a partir de então, ao relativamente pequeno número de pessoas doentes. Eles não serão mais objeto de atenção e de noticiário. A doença já entrará na fase de sua normalização.

Os sobreviventes, a imensa maioria, vão enfrentar os desafios econômicos e políticos lançados pela doença e pelos efeitos da quarentena que realizaram. Alguns sonharão com a transformação, para melhor, do mundo e do planeta. Outros terão suas oportunidades e perspectivas de vida desfeitas. Outros viverão o desespero de perder seus pequenos negócios e empregos. Outros buscarão receber os lucros esperados e devidos e valores a receber adiados. Outros vão aproveitar, com deleite, tudo que ganharam na especulação do comércio da vida e da morte.

As incertezas insistirão.

Muitos não vão tirar a menor lição do surto da doença que aconteceu no ano de 2020, e se comportarão como os homens de tempos atrás descritos no poema³ de Manoel Bandeira:

Quando o enterro passou

Os homens que se achavam no café

Tiraram o chapéu maquinalmente

Saudavam o morto distraídos

Estavam todos voltados para a vida

Absortos na vida

Confiantes na vida.

.....

³ Seu nome é 'Momento num café', publicado no *Estrela da manhã*.